

“UM GÉRME DE PUREZA NA FECUNDA AUTORIDADE DO DIA”

(Carta a Julio Llinás)

Poeta, eu te convoco para presenciar as formas do milagre. Ou o talento de harmonizar os espelhos do passado, do presente e do futuro? Tu e estas esculturas. Quem as fez? Sois “*um gérmen de pureza na fecunda autoridade do dia*”. Recordas-te de quando não te conhecia? Falava de ti como de um deus, cuja origem incerta enriquecia a sua lenda. Mas agora tenho de ter muito cuidado, pois o deus pode entrar na Internet e dar-me um abraço de madeiro incendiado por subtis gelosias, salpicadas de alvorecer e sal maduro, e fazer-me estalar, como um floco de neve no verão. Tu sabes também, porque o poeta está sempre no âmago da precisão, que o sal maduro é acobreado claro, como uma mancha cor de vinhedo sobre um monte de espuma recém-ceifada.

Sim, tinha-te procurado. E tu sabia-lo, porque te movias como um tigre nervoso que se deixa devorar pelas sombras! E sabe-o Anferal, mas tu não o conheces, porque querias estar retirado na província, para desenhar a ternura e o perfume dos amores de uma anã. Sabes melhor do que eu que *Panta Rhei* é um prodígio e que *A Ciência Natural* tem “Horizontes” impecáveis: “*Como uma barca de grande música, os horizontes felinos. / Ah, bestas vantajosas para um homem e a sua alma. / Deixai um gérmen de pureza na fecunda autoridade do dia, como esses pássaros que estremeçam no canto e tornam bela a morte*”.

Querias que te escrevesse! “... *Como esses pássaros que estremeçam no canto*”, são estas as esculturas que quero apresentar-te, na sua presença, na sua dimensão, que vai mais além da razão e da matéria. O escultor ataca o bloco, como quem quer descobrir um tesouro que se oculta no fundo dessa noite, mas, antes de chegar ao coração, depara com as margens, com os volumes em movimento, que vêm do que ele sabe e do que ele sente, do que ele pensa e do que ele procura, do que se move e gera movimento; encontra o coração antes de o ver, antes de lhe tocar.

Blocos de *calatorao* e de *alvis gris*, orientados pelo vento, que intersectam planos, que compõem; pela música, que harmoniza as tensões, por uma estrela, como pressagia o mestre **Cruzeiro Seixas**. A *talha directa* é recuperada por **Brancusi**, mas amanhece no Solutrense e no Magdalenense como arte de representar, que logo se perde e volta a aparecer, numa alternância contínua,

que emerge em **Alcántara** como um copioso manancial de minerais enfeitados.

Uma *vénus* que termina numa folha imensa, numa forma corpórea de mercúrio e azeviche em que se revê, *cavalos* que espalham cintilações nascidas no princípio do século, que relinham e se empinam e estão vivos e cubistas e futuristas, para serem cavalgados pelos Cantos de **Ezra Pound**, potros majestosos que sabem ser portadores dos Cantos de Pisa; cavalos negros luminosos, com pescoços como torsos, com crinas como rosas-dos-ventos e silêncios de milhões de anos quando acabam de surgir. Com orelhas como trombetas vibrantes, que tornam brilhante o som do metal; cavalos que levam nos pescoços um pomar de músculos e de coxas, que se contorcem esperando pela égua pantera, que está ainda por nascer, bestas distantes, majestosas, para as rainhas de todas as primaveras.

O guerreiro santo! Imaginas-te, poeta, tu com uma única asa e o que conseguirias voar? Uma figura portentosa, no verso um monge, ensimesmado, preparado, avisador; no reverso um guerreiro, com o escudo, que defende, que desafia, que provoca uma ambição. Tudo num só, como uma metamorfose antes de se transformar, como o deus Jano, em que se resume todo um século de movimentos, todas as descobertas de um processo que mantém a escultura.

Da mesma maneira, *cabeças pensantes*, de guardiões e guerreiros, de estrelas e anjos, asteróides, onde a pedra se faz lírica sem perder um átomo de solidez. *O orador real*, esculturas com evidente unidade formal e conceptual, não arte conceptual, mas sim planos e estruturas geométricas, que ostentam uma precisão, uma pureza, uma subtilidade de harpa e de violino.

Mestre aparecido! Tudo flui nesta serena, elegante, bela, pensada e fluída escultura que te apresento, hoje, em que a pedra se toma como sendo de outro tempo, sem pensar que é de todos os tempos, eterna, velha e nova, como o mar quando se deita e se levanta da terra, como a água que vai e vem, adocicada ou salobra, lágrima, lodo, libelinha transparente montada por um arco-íris adolescente mas já adestrado no amor.

A que chamamos nós escultura? **Barbara Hepworth** deixou dito: “*É difícil exprimir por palavras o significado das formas, porque é precisamente essa a emoção que só a escultura transmite*”. A escultura é a materialização,

o suporte do pensamento, não há escultura sem processo, sem pensamento, nem sequer arte. A escultura não admite meio-termo: ou há presença, ou há conteúdo objectivo, ou existe a dimensão nas formas do tempo, ou há elemento decorativo, horrendo ou belo, minimalista ou barroco. O significado das formas! Também na poesia, recordas estes versos? “*A manhã abre as suas portas transparentes / De cristal oceânico / ... E no seu cálice luminoso o meu pensamento toma forma / Selvagem como o pássaro que cai do teu olhar*”.

Panta Rhei! Tudo flui quando existe uma linguagem coerente, uma estrutura formal, que conduz a um paraíso, como nesta escultura, que é devir, que congrega estados, níveis e épocas distantes, como o poema enigmático de T. S. Eliot. A pedra fez-se assim nobre, estupenda e compacta por tanto esperar, sem nunca desesperar, porque sabe que o mistério que em si encerra um dia será descoberto por um poeta. Que palavra, que forma, que presença, que atitude não esperam ser um dia acariciadas pela mão de um príncipe do maravilhoso?

Só a partir da solidão se conhece o mundo, a partir da intimidade da comunhão amado/amante. Tudo o que é perfeito se identifica com a acção do poeta. Num poema de Gregory Corso “a uma estrela do beisebol”, Ted Williams escreve: “*Randall Jarrell diz que és um poeta*”, gritei / “*Também eu! Eu digo que és um poeta!*”. Também eu digo que Alcántara é um poeta, que cinzela poemas, que mostra isentos petroglifos, runas ou canções que ainda não foram configuradas, um poeta da pedra, que esculpe com a vocação do número e geometriza com paixão de pássaro, de águia que se eleva nas alturas para tudo ver e reflectir-se, como diz Pessoa que a lua faz quando se reflecte em todas as águas, charcos, prantos ou mares. Ou será Álvaro de Campos?

Talha directa, sem esboço com centenas de desenhos anteriores, sem outra ajuda que a dos limites ditados pelo pensamento; *talha directa, ao vivo*, numas peças que se integram na tradução mais apreciada da modernidade, pelo processo, pela concepção, pela execução, pelo resultado, pelo desprezo pela frivolidade, pelo nada, o artifício sem raiz.

Poucos são hoje os escultores, mestre da luz, que trabalham a pedra com o apuro técnico e o esplendor de Alcántara, um escultor alheio às modas, por fidelidade à raiz da modernidade, ao seu tempo, ao mais fresco, imaginativo e profundo presente; um asceta, retirado na leitura e no “atelier”, na casa de Heidegger, contigo, com Ceselli, com o comboio quase fluvial de Madariaga, com o piano sem cordas e o violino quebrado de Hölderlin e

de Fijman, que por vezes esculpe com os outros, com a voz de Dante feita segmentos de luz maciça, claridade sonora, ritmo de prestígio.

Felipe de Guevara apresentou-nos e eu agora apresento-te a Alcántara, Julio Llinás da glória? Lembras-te, poeta? Estas pedras negras, trespasadas da graça do exacto, recordam-te: “*Porque tudo persegue a sua primeira essência / Depois de cem mil anos de errónea fuga / Depois de vinte séculos de imunda decadência e de / Invenção mortífera / Depois de uma cultura escandalosa e turva / Que somente levou a impuras concepções / E a erros sistemáticos / A vida corre para a morte e a morte para a vida / Correm Deus e o demónio para o mesmo livro de Preconceitos / Ninguém se livra da vertigem espasmódica que a distância / Implica / E tudo corre e se desgasta em partículas eléctricas / Que giram sobre o eixo do som perfeito*”.

Mas aqui, nesta obra de unidade e de comunhão, com o que lateja, com o que incendeia, está o “*gérmen da pureza na fecunda autoridade do dia*”, a semente que germina, a voz sem som mas que se ouve, o fluxo da conjugação de formas de um “*coração clarividente*”.

Porque, como disse Huidobro, aquele que encorajava a encontrar o mar sob a sua sepultura, o Altazor do universo: “*Falo porque sou protesto, insulto e expressão de dor / Somente creio nos climas da paixão / Só devem falar os que têm o coração clarividente / A língua a alta frequência...*”.

Não sei se aqui em Portugal te conhecem, poeta, mas, como diz Felipe de Guevara, és uma das vozes mais belas e criativas da língua espanhola em todos os continentes, um poeta respeitado e respeitável, não apenas da Argentina, mas do espanhol. Alcántara conhece-te, não te viu, mas viveu-te, e por isso quero apresentar-te a sua obra, e contigo, a quem lerei estas linhas, que mais do que devoção são um presente, às vossas pessoas, à arte, à escultura, ao maravilhoso que o homem sabe fabricar com escassa frequência.

Uma vez mais, Antonio Prates arrisca-se pelo que é difícil, talvez porque o fácil, o habitual, tenha falta de interesse para os espíritos construtivos, temerários. O difícil, o que tem pouca utilidade mas que é necessário, a arte, a poesia, a partir de Lisboa, é uma prova de saúde mental, de olfacto, de inteligência, que nunca pára de crescer, que não desiste, e que no final se vê, se eleva sobre os demais, já de maneira irremediável, como qualquer “*gérmen de pureza*”.

Tomás Paredes

“A SEED OF PURITY IN THE FECUND AUTHORITY OF THE DAY”

(Letter to Julio Llinás)

Poet, I summon you to witness the forms of a miracle. Or the talent of harmonising the mirrors of the past, the present and the future? You and these sculptures. Who made them? Thou art “a seed of purity in the fecund authority of the day”. Do you remember the time when I didn’t know you? I spoke of you as a god, whose uncertain origin enriched your own legend. But now I have to take great care, as the god can enter the Internet and give me an embrace, of a log burnt by subtle jealousies, sprinkled with sunrise and refined salt, and make me break up, like a snowflake in summer. You know too, because the poet is always at the heart of precision, that refined salt is light copper-coloured, like a vineyard coloured stain on a pile of newly reaped froth.

Yes, I had searched for you. and you knew it, because you moved like a nervous tiger that allows itself to be devoured by the shadows! And Anferal knows it, but you don’t know him, because you wanted to be withdrawn in the province, to design the tenderness and the perfume of the loves of a she-dwarf. You know better than I that *Panta Rhei* is a prodigy and that *Natural Science* has “Horizons” flawless: “Like a barque of great music, the feline horizons. / Ah, powerful beasts for a man and his soul. / Leave a seed of purity in the fecund authority of the day, like these birds that tremble in the corner and make death beautiful”.

You wish I’d write to you! “... Like these birds that tremble in the corner”, these are the sculptures that I want to present to you, in your presence, in your dimension, that transcends both reason and matter. The sculptor attacks the block, as one who wishes to discover a hidden treasure in the far reaches of the night, but, before arriving at the heart, he comes across the confines, with the shifting volumes, resulting from that which he knows and that which he feels, that which he thinks and that which he seeks, that which moves and generates movement; he finds the heart before he sees it, before he touches it.

Blocks of *Calatorao* and *alvis gris*, guided by the wind, that intersect plains, that compose; through the music, which harmonises the tensions, through a star, as the learned **Cruzeiro Seixas** foretold. *The explicit carving* is recovered by **Brancusi**, but day breaks in Solutrense and in Magdalenense like the art of performing, that as soon as is lost, appears once more, in a continuous alternation, that emerges in **Alcántara** like a copious spring of enchanted minerals.

A *venus* that ends in a huge leaf, in a corporeal shape of mercury and jet black in which it sees itself, horses that spread scintillation, born at the beginning of the century, that whinny and rear and are alive and cubist and futurist, to be ridden by the Songs of **Ezra Pound**, majestic colts that know how to be carriers of the Songs of Pisa; shining black horses, with necks like torsos, with manes like wind roses and silences of millions of years when they have just emerged. With ears like resonant trumpets, that make the sound of the metal shiny; horses that carry on their necks an orchard of muscles and thighs, which twist waiting for the panther mare, which is still to be born, distant beasts, majestic, for the queens of all springs.

Holy warrior! Do you imagine yourself, you the poet, with only one wing and what you would be able to fly? A portentous figure, on the other side a monk, self-absorbed, prepared, adviser; on the reverse side a warrior, with the shield, that defends, that challenges, that provokes an ambition. All this in one, like a metamorphosis before transformation, like the god Janus, in which the whole century of movements is resumed, every discovery of a process that sustains sculpture.

In the same way, thinking heads, of guardians and warriors, of stars and angels, asteroids, where stone becomes lyrical without losing an atom of its solidity. *The real orator*, sculptures with evident formal and conceptual unity and, not conceptual art, but planes and geometrical structures, that exhibit a precision, a purity, the subtlety of the harp and the violin.

Master who has appeared! Everything flows in this serene, elegant, beautiful, studied and fluid sculpture that I present to you, today, in which the stone appears to come from another era, without thinking that it is from all eras, eternal, old and new, like the sea when it comes to rest upon and then retreat from the earth, like water that ebbs and flows, sweet or salty, tear, slush, transparent dragonfly raised by an adolescent rainbow but already taught in the ways of love.

What are we to call sculpture? **Barbara Hepworth** stated: “It is difficult to express the meaning of shapes in words, because it is precisely this emotion that only sculpture can transmit”. Sculpture is the materialisation, the support for thought, there is no sculpture without process, without thought, without art even. Sculpture doesn’t allow for half-measures: either there is presence,

or there is objective content, either there is the dimension in the shapes of time, or there is the decorative element, horrendous or beautiful, minimalist or baroque. The meaning of shapes! Also in poetry, do you remember these verses? *"Morning opens its transparent doors / Of ocean crystal / ... And in its shining chalice my thought takes shape / Wild as the bird that falls from your gaze"*.

Panta Rhei! Everything flows when there is a coherent language, a formal structure, that leads to a paradise, as in this sculpture, that is undergoing transformation, that assembles states, levels and distant eras, like the enigmatic poem of **T. S. Eliot**. The stone thus made itself noble, wonderful and compact for having waited so long, without ever despairing, because it knows that the mystery in which it is enclosed will one day be discovered by a poet. Do that word, that shape, that presence, that attitude not wait one day to be caressed by the hand of a miraculous prince?

Only from solitude can one know the world, from the intimacy of the beloved/ lover communion. All that is beautiful identifies itself with the action of the poet. In a poem by **Gregory Corso** "to a baseball star", **Ted Williams** writes: *"Randall Jarrell says that you are a poet", I shouted / "Me too! I say that you are a poet!"*. I too say that **Alcántara** is a poet, that carves poems, that shows exempt petroglyphs, runes or songs that have not yet been set down, a poet of stone, that sculpts with the vocation of the number and designs geometrically with the passion of the bird, of the eagle that rises at the heights to oversee everything and reflect, as **Pessoa** says the moon does when it is reflected in all the waters, puddles, wept tears or seas. Or should that be **Álvaro de Campos**?

Explicit carving, without outline with hundreds of previous designs, without any help but that of the limits laid down by thought; *explicit carving, in the flesh*, in pieces that are part of modernity's most valued translation, through process, through conception, through execution, through result, through contempt for frivolity, through noting, the rootless artificial.

There are few sculptors today, master of light, that work the stone with the technical refinement and splendour of **Alcántara**, a sculptor free of the constraints of fashion, through loyalty to the root of modernity, to his time, to the freshest, most imaginative and profound present; a hermit, secluded in his reading and in the "atelier", in the **Heidegger** house, with you, with **Ceselli**, with the almost fluvial train of **Madariaga**, with the cordless piano and the broken violin of **Hölderlin** and of **Fijman**, who sometimes sculpts with the others, with the voice of **Dante** made into

segments of solid light, sonorous clarity, rhythm of prestige.

Felipe de Guevara introduced us and I now introduce you to **Alcántara**, **Julio Llinás** of glory? Do you remember, poet? These black stones, transferred from the grace of the exact, they remind you: *"Because everything pursues its original essence / After a hundred thousand years of erroneous flight / After twenty centuries of filthy decadence and of / Deadly invention / After a scandalous and disturbed culture / That only led to impure conceptions / And to systematic errors / Life leads us to death and death to life / God and the Devil lead towards the same book of Prejudices / No-one is free from the spasmodic vertigo that the distance / Implies / And everything moves and is broken down into electrical particles / That turn on the axis of perfect sound"*.

But here, in this work of unity and communion, with that which throbs, with that which burns, is the *"seed of purity in the fecund authority of the day"*, the seed that germinates, the voice without sound but which is heard, the flux of the conjunction of shapes of a *"clear-sighted heart"*.

Because, as **Huidobro** said, that which encouraged the sea to meet beneath its grave, the *Altazor* of the universe: *"I speak because I am dissent, insult and expression of pain / I only believe in the climates of passion / Only those with clear-sighted hearts should speak / Language at a high frequency..."*.

I don't know if here in Portugal they know you, poet, but, as **Felipe de Guevara** says, you are one of the most beautiful and creative voices of the Spanish language in all the continents, a respected and respectable poet, heralding not only from Argentina, but from the Spanish language. **Alcántara** knows you, he didn't see you, but lived you, and for this I want to introduce you to his work, and with you, to whomsoever will read these lines, that, more than mere devotion, are a gift, to you, to art, to sculpture, to the wonder that man is able to produce with scarce frequency.

Once more, **Antonio Prates** takes a risk on that which is difficult, maybe because what is easy, what is commonplace, holds no interest for daring and creative spirits. That which is difficult, which has little use but which is necessary, art, poetry, comes from Lisbon, is proof of mental health, of scent, of intelligence, that never ceases to grow, that does not give up, and that, at the end, is seen, raises above the others, in an already irreparable way, just like any other *"seed of purity"*.

Tomás Paredes